

2014/04/17

Situação de Segurança e Defesa na Ucrânia em princípios de Abril de 2014¹

Jorge Paulo Prazeres

Resumo:

Segundo Putin, a Ucrânia encontra-se cada vez mais próxima de um processo de guerra civil. Forças de origem desconhecida, uniformizados sem insígnias nem símbolos reconhecíveis continuam a desafiar a autoridade do Estado ucraniano. A NATO e a União Europeia não conseguiram apresentar nenhuma modalidade de apoio concreta, para além de algumas sanções económicas e políticas acordadas contra a Rússia. O tempo urge, a situação



particular de segurança e de defesa na Ucrânia degrada-se e os grandes centros de decisão trocam telefonemas, alegando e acusando as contrapartes de incumprimentos constitucionais e de desrespeito pelo direito internacional. Se o Estado ucraniano não controlar rapidamente a situação terá o tempo a correr contra si porque, depois da população civil decisivamente empenhada na destabilização política e social, pouco mais restará do que o caos.

Tal como aconteceu na Crimeia, também noutras cidades leste da Ucrânia activistas pseudo-militares ou para-militares ocuparam edifícios da administração local (Jack, 2014). Estas pessoas barricaram-se, mostraram armas e iniciaram um processo de exigências políticas secessionistas pró-russas. Até agora, o resultado último tem sido a produção de um efeito de intimidação e de destabilização.

Na Ucrânia, através das palavras do Secretário-geral da NATO (NATO, 2014), constata-se a presença, de forma reiterada, de forças uniformizadas e armadas, sem insígnias, equipadas com material alegadamente de origem russa, que mais uma vez desequilibram as posições a favor da Rússia e continuam a garantir a sua liberdade de acção e iniciativa.

Em simultâneo, a NATO tem reportado, por via da análise de imagens de satélite, que a Rússia tem concentrado um elevado contingente de forças militares junto à fronteira com a Ucrânia, as quais estarão prontas, quer para efectuar uma demonstração de força através da execução de exercícios militares, quer até para iniciar um processo de invasão do território. Estas medidas viriam em alegado apoio a nichos de população russófonos e/ou simpatizantes da ideia de uma maior proximidade política à Rússia e, consequentemente, um afastamento em relação ao formato político conduzido pela Europa ocidental.

A NATO (2014) tem sido incansável em produzir retórica com base no repúdio pela atitude agressiva, invasiva e aviltante do direito internacional quanto aos

¹ O autor não segue as normas do Acordo Ortográfico.

acontecimentos ocorridos na Crimeia durante o mês de Março transacto. Tem aconselhado a Rússia a voltar à situação prévia, antes do processo de anexação da Crimeia. Se a Rússia não acatar o conselho, então a NATO ... aconselha outra vez.

A União Europeia (2014) tem sido firme no seu discurso com vista à aplicação de sanções económicas e sociais contra determinadas entidades russas e ucranianas com implicações na crise na Ucrânia. Pode ser que as sanções possam ter um efeito efectivo a médios longo prazo, mas por enquanto, se bem que por razões diferentes, o desconforto é geral. À Ucrânia a Europa oferece as vantagens financeiras do FMI, certamente que associadas a austeridade para comportar os encargos, e oferece também modelos para a reforma do Estado, não esquecendo muita solidariedade.

A Europa tem apostado no diálogo e no estabelecimento de um ciclo contínuo de Segurança e Desenvolvimento mas, na generalidade dos casos, termina por se restringir à doação de recursos financeiros e à mentorização, acabando por favorecer as elites instaladas, muitas vezes sendo elas as maiores patrocinadoras das próprias crises.

Os eventos recentes na Ucrânia, tal como o conflito na Síria, e até no Afeganistão, na Líbia ou no Iraque, já tinham vindo a demonstrar que a conflitualidade internacional na área de interesse transatlântico tem assumido novos contornos. As forças militares associadas à manobra convencional de fogo e movimento, aplicando forças estruturadas em Armas e Serviços tem sido pouco eficaz no combate assimétrico no seio das populações. porém não se pode deixar de considerar a possibilidade de um embate militar entre Estados-Nação onde este sistema ainda é o mais adequado.

O problema da conflitualidade na Ucrânia coloca-se a dois níveis distintos. O primeiro prende-se com a reacção internacional, face à resposta da Rússia decorrente da situação na Ucrânia. Por um lado, as sanções impostas, quer sejam económicas, financeiras ou até sociais, por parte da comunidade internacional ocidental, por outro o apoio ao separatismo e a colocação de forças militares russas junto às fronteiras ucranianas. O segundo prende-se com a questão de ordem pública que se tem alastrado nas grandes cidades da Ucrânia (Jack et al, 2014) e que mina a autoridade do Estado ucraniano, uma vez que já não detém o monopólio da violência organizada.

Cada vez mais os estrategistas e teóricos da segurança e defesa vêm clamando por uma maior integração entre as capacidades militares e civis na gestão das crises contemporâneas, apesar de não saberem bem como é que esse objectivo se pode materializar convenientemente, face aos vários níveis de interesses instalados.

Por outro lado, a tropa envolvida na gestão de crises, ciosos das suas competências, ainda não conseguiram desenvolver capacidades verdadeiramente socio-militares que lhes permita interagir com propriedade com as autoridades civis, com a administração local, com os políticos envolvidos no processo de decisão e, fundamentalmente, com as populações, sem nunca perder uma apurada capacidade para o combate para a protecção da força em caso de necessidade, numa interpretação e gestão correcta das regras de empenhamento em vigor.

O factor tempo tem sido o elemento diferenciador. Enquanto se acredita que as sanções impostas possam ter o seu efeito a médio e longo prazo, já a ordem pública interna tem carácter de urgência e o curto prazo parece excessivamente longo para se desenhar a medida conveniente para se restaurar a autoridade do Estado.

Na Ucrânia, a Rússia aproveitou a inércia militar ocidental até ao limite, jogando a seu favor o excesso de poder militar e tecnológico de que Adriano Moreira falava, bem patente no modo de defesa da aliança atlântica. A NATO possui tecnologia até agora inultrapassável, mas os seus Estados membros e parceiros não dispõem de legislação apropriada para fazer face, de forma conveniente, a grupos civis ou para-

militares insurrectos capazes de fazer um apoio poderosíssimo ao poder militar convencional disponível detido pela Rússia. Sun Tzu não faria melhor ao preconizar vencer conflitos sem combater, quase que jogando exclusivamente com as vontades do adversário, pressionando assimetricamente e explorando técnicas de facto consumado, como foi o da Crimeia.

Um dos aspectos a ter em consideração é o facto de que, a seguir ao fim da Guerra Fria, a tendência tem sido a não-consideração de guerras entre democracias ou, mais genericamente, entre Estados-Nação, em que escassas excepções confirmem a regra. A tendência preponderante tem sido a observação de conflitos assimétricos, essencialmente travados no seio das populações, como referia Rupert Smith (2006), ou então crises humanitárias suscitando a intervenção internacional ao abrigo da responsabilidade de proteger sob mandato das Nações Unidas.

A guerra assimétrica sempre foi uma realidade e quase todas as grandes potências já tiveram as suas derrotas, sem que isso fosse crítico no estabelecimento da balança de poderes. Porém, uma derrota num cenário de guerra sistémica total entre Estados-Nação tem consequências classificadas como catastróficas e não negligenciáveis para os perdedores (Friedman, 2014). Levando em conta esta abordagem, Friedman considera que nenhum tipo de guerra se tornou obsoleto, variando entre cada tipo de guerra o grau de severidade das consequências em caso de derrota.

No caso da Ucrânia, assiste-se a uma situação próxima de uma *détente*, com forças convencionais estacionadas ou em exercício, em que ninguém arrisca dar o primeiro passo que possa conduzir a uma escalada com repercussões catastróficas ao nível financeiro, económico, militar e humano. Enquanto isto, a Rússia continua a tomar a iniciativa, mesmo que de forma encapotada. Uma forte possibilidade, mas não mais do que isso, é ter enviado forças militares, disciplinadas, treinadas e fortemente industriadas em relação ao "end state" requerido, sem insígnias ou outras identificações formais que as conotem com o poder de Moscovo.

Neste pressuposto, estas forças adquirem um estatuto misto de forças privadas e irregulares, que subtraem ao Estado ucraniano e competem com ele pela prerrogativa do uso legítimo da violência organizada. Estas forças não são militares, nem ostentam uma caracterização que se enquadre com a classificação de militares, para-militares, terroristas, revolucionários, ou meramente forças subversivas.

Se assim for, então quem são e que legitimidade têm para fazer exigências? Porque não se pergunta à Rússia se estas forças e estes elementos armados estão ao seu serviço? Por se estão, então a Rússia já iniciou uma ingerência formal nos assuntos do Estado ucraniano e deverá responder por isso à luz do direito internacional. Se não estão, têm que ser detidos e assunto não diz respeito à Rússia, enquadrando-se nas medidas de soberania ucraniana em termos de Segurança Interna.

A situação já se degradou para lá dos limites razoáveis, não tem havido uma iniciativa consistente por parte do Estado ucraniano para segurar e controlar os pontos críticos da sua administração interna e agora um elevado número de populares já está envolvido, contribuindo para a complexidade das medidas a adoptar. Já circulam veículos blindados armados em algumas áreas da Ucrânia, sem que ninguém consiga afirmar ao certo a quem pertencem e quais as suas intenções.

A desintegração da Ucrânia parece ser uma inevitabilidade. As autoridades políticas locais estão a navegar ao sabor da corrente, numa atitude reactiva, procurando recuperar a sua liberdade de manobra. Dependem das iniciativas ocidentais e dos putativos resultados das sanções sobre a Rússia.

A ameaça de uma invasão por parte das forças russas é latente, sem que as Nações Unidas ou o espaço transatlântico tenham um pacote de soluções disponíveis para

apoiar a Ucrânia no imediato. Se se optar pelo envio de observadores e de forças internacionais de apoio à paz, será bom que a situação se apresente de molde a poder esperar pelo processo de decisão que se desenvolve em Washington e em Bruxelas.

Bibliografia:

CBC (2014) «Ukraine crisis: combat vehicles with pro-Russian troops enter town». *CBC News*. April 16, 2'14. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/world/ukraine-crisis-combat-vehicles-with-pro-russian-troops-enter-town-1.2611783>.

EUROPEAN UNION (2014) «Council Conclusions on Ukraine». *European Council*. April 14, 2014. Disponível em: http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/EN/foraff/142223.pdf.

FRIEDMAN, George (2014) «U.S. Defense Policy in the Wake of the Ukrainian Affair». *Stratfor*. April 08, 2014. Disponível em: http://www.stratfor.com/weekly/us-defense-policy-wake-ukrainian-affair?utm_source=feedlist-f&utm_medium=email&utm_campaign=20140408&utm_term=Gweekly&utm_content=readmore. [10 de Abril de 2014]

JACK, Andrew et al. (2014) «Pro-Russia separatists strenghten grip». *Financial Times*. April 14, 2014. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/89e2c664-c3a1-11e3-a8e0-00144feabdc0.html?ftcamp=crm/email/2014414/nbe/WorldNews/product&siteedition=intl#axzz2yt1KY7G1>.

NATO (2014) «NATO Secretary General concerned about escalation in eastern Ukraine». *NATO Press Office*. April 13, 2014. Disponível em: <http://nato.createzend1.com/t/ViewEmail/r/5478C85EA6B302BC2540EF23F30FEDED/4B60DBD3FE75ABD205263A35EB2CBB57>. [13 de Abril de 2014]

SMITH, Rupert (2006) *The Utility of Force. The Art Of War in The Modern World*. Penguin Books